

O Humanismo Tropical na Obra de Jorge Amado: mestiçagem, diversidade e inclusão no romance amadiano

Tropical Humanism in the Work of Jorge Amado: mestiçagem, diversity, and inclusion in the Amadian novel

El Humanismo Tropical en la Obra de Jorge Amado: mestizaje, diversidad e inclusión en la novela amadiana

DOI: 10.5281/zenodo.23377961

Recebido: 12 out 2026

Aprovado: 13 out 2026

Flávio Gonzalez

Doutor em Educação

Universidade de São Paulo - USP

Endereço: São Paulo - SP - Brasil

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0009-6373-2296>E-mail: flaviogonzalez@usp.br

RESUMO

Este artigo examina a obra do escritor baiano Jorge Amado (1912-2001) a partir da hipótese interpretativa de um “humanismo tropical”: um projeto literário que, partindo do romance social e da denúncia das desigualdades no ciclo do cacau, desloca-se progressivamente para uma celebração afirmativa da vida popular, da mestiçagem racial e cultural e do sincretismo religioso afro-baiano. Revisitando a fortuna crítica consolidada sobre o autor — em especial os estudos de Alfredo Bosi, Eduardo de Assis Duarte e Ilana Seltzer Goldstein —, o trabalho argumenta que a passagem entre as chamadas duas fases da ficção amadiana (a “literatura proletária” dos anos 1930-1940 e o lirismo mestiço inaugurado por *Gabriela, Cravo e Canela*, de 1958) não representa uma ruptura, mas o desdobramento de um mesmo compromisso humanista com os sujeitos populares da Bahia. Discute-se ainda, a partir dos Estudos da Deficiência e da crítica queer, os limites desiguais desse humanismo diante do corpo com deficiência e da dissidência sexual. Conclui-se que o humanismo tropical de Jorge Amado consiste numa poética da corporeidade, da oralidade e da diversidade étnico-religiosa que projetou, nacional e internacionalmente, uma imagem específica — e não isenta de controvérsias — de brasilidade mestiça.

Palavras-chave: Jorge Amado. Humanismo tropical. Mestiçagem. Literatura brasileira. Regionalismo baiano.

ABSTRACT

This article examines the work of Bahian writer Jorge Amado (1912-2001) through the interpretive hypothesis of a “tropical humanism”: a literary project that, starting from social realism and the denunciation of inequality in the cacao-cycle novels, gradually shifts toward an affirmative celebration of popular life, racial and cultural *mestiçagem*, and Afro-Bahian religious syncretism. Drawing on established critical scholarship — particularly the work of Alfredo Bosi, Eduardo de Assis Duarte, and Ilana Seltzer Goldstein — the article argues that the transition between the so-called two phases of Amado's fiction (the “proletarian literature” of the 1930s-1940s and the mestizo lyricism inaugurated by *Gabriela, Cravo e Canela*, 1958) is not a rupture but the unfolding of the same humanist commitment to Bahia's popular subjects. Drawing on Disability Studies and queer criticism, it also discusses the unevenly distributed limits of this humanism regarding disability and sexual dissidence. It concludes that Amado's tropical humanism amounts to a poetics of corporeality, orality, and ethnic-religious diversity that projected, both nationally and internationally, a specific — and not uncontroversial — image of mestizo Brazilianness.

Keywords: Jorge Amado. Tropical humanism. Mestiçagem. Brazilian literature. Bahian regionalism.

RESUMEN

Este artículo examina la obra del escritor bahiano Jorge Amado (1912-2001) a partir de la hipótesis interpretativa de un “humanismo tropical”: un proyecto literario que, partiendo de la novela social y de la denuncia de las desigualdades en el ciclo del cacao, se desplaza progresivamente hacia una celebración afirmativa de la vida popular, del mestizaje racial y cultural y del sincretismo religioso afrobahiano. Revisitando la fortuna crítica consolidada sobre el autor — en especial los estudios de Alfredo Bosi, Eduardo de Assis Duarte e Ilana Seltzer Goldstein —, el trabajo argumenta que el tránsito entre las llamadas dos fases de la ficción amadiana (la “literatura proletaria” de los años 1930-1940 y el lirismo mestizo inaugurado por *Gabriela, Cravo e Canela*, de 1958) no representa una ruptura, sino el despliegue de un mismo compromiso humanista con los sujetos populares de Bahía. Se discuten también, desde los Estudios de la Discapacidad y la crítica queer, los límites desiguales de ese humanismo frente al cuerpo con discapacidad y a la disidencia sexual. Se concluye que el humanismo tropical de Jorge Amado consiste en una poética de la corporeidad, la oralidad y la diversidad étnico-religiosa que proyectó, nacional e internacionalmente, una imagen específica — y no exenta de controversias — de la brasilidad mestiza.

Palabras clave: Jorge Amado. Humanismo tropical. Mestizaje. Literatura brasileña. Regionalismo bahiano.

1. INTRODUÇÃO

Jorge Amado (1912-2001) é, sem dúvida, ao lado de Machado de Assis e Guimarães Rosa, um dos romancistas brasileiros mais traduzidos e lidos no exterior, com obras vertidas para dezenas de idiomas e adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão. Nascido numa fazenda de cacau na região de Ilhéus, sul da Bahia, e criado em Salvador, Amado converteu o espaço baiano — suas ruas, seus terreiros de candomblé, seu cais e seus mercados — na matéria-prima quase exclusiva de uma obra que se estende por mais de meio século e por cerca de trinta romances.

A crítica literária costuma dividir a ficção amadiana em duas fases: uma primeira, de cunho social e reivindicatório, marcada pelos chamados “romances do cacau” (*Cacau*, 1933; *Terras do Sem-Fim*, 1942; *São Jorge dos Ilhéus*, 1944) e pela militância comunista do autor; e uma segunda, iniciada com *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), em que a denúncia cede lugar a uma tonalidade mais lírica, sensual e bem-humorada, centrada na mestiçagem, no corpo e na religiosidade popular. Esta segunda fase inclui romances como *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966) e *Tieta do Agreste* (1977), que consagraram Amado como narrador de um Brasil mestiço, festivo e conciliador.

Sustentamos, neste artigo, que essa divisão, embora didaticamente útil e amplamente adotada pela fortuna crítica, não deve ser lida como uma ruptura de projeto, mas como o desdobramento de um mesmo horizonte que aqui designamos “humanismo tropical”: um compromisso persistente do autor com a dignidade, a vitalidade e a complexidade cultural dos sujeitos populares da Bahia — sejam eles trabalhadores explorados nas fazendas de cacau, meninos de rua do Pelourinho ou mães de santo dos terreiros de candomblé. Para sustentar essa hipótese, articulamos quatro eixos: (i) a inserção de Jorge

Amado na tradição do romance social brasileiro dos anos 1930; (ii) a caracterização conceitual do humanismo tropical como poética da mestiçagem e da corporeidade; (iii) os limites desse humanismo diante da deficiência e da dissidência sexual — eixo que, cremos, a fortuna crítica ainda não explorou o suficiente; e (iv) a análise do sincretismo religioso afro-baiano como matriz simbólica desse humanismo.

2. JORGE AMADO E O ROMANCE SOCIAL BRASILEIRO: DA DENÚNCIA AO LIRISMO

A estreia de Jorge Amado ocorre, de fato, em pleno “romance de 30”, movimento ficcional que, na esteira do Modernismo, deslocou o foco da literatura brasileira para as desigualdades regionais e para os grupos sociais até então marginalizados pela ficção — trabalhadores rurais, retirantes, operários e populações negras e mestiças. Ainda jovem, Jorge Amado integrou a Academia dos Rebeldes, grupo de escritores baianos que, ao lado de nomes como Édison Carneiro, buscava renovar as letras da Bahia a partir de uma sensibilidade voltada à vida popular. É desse período que nascem seus primeiros romances proletários, escritos sob forte influência do Partido Comunista Brasileiro — do qual Amado foi militante e, entre 1946 e 1948, deputado federal constituinte.

Alfredo Bosi, em sua já clássica *História Concisa da Literatura Brasileira*, situa a produção amadiana entre a “pregação partidária”, os “depoimentos líricos” e os “grandes afrescos” da região cacaueira, observando que, ao longo da trajetória do escritor, a literatura ideológica dos anos 1930 e 1940 tende a se dissolver naquilo que o crítico chama de sabor e tempero regional. Essa leitura, ainda que reconheça o valor documental dos romances de denúncia, tende a interpretar a mudança de tom da obra amadiana como um abrandamento ou mesmo uma perda de tensão crítica (BOSI, 1994).

Eduardo de Assis Duarte, em *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia* — tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo e posteriormente publicada em livro —, oferece uma leitura menos linear dessa trajetória, ao demonstrar como a utopia social que anima os romances proletários dos anos 1930-1950 permanece como horizonte de sentido mesmo quando a narrativa amadiana se volta, a partir de *Gabriela*, para o cotidiano, o humor e a sensualidade (DUARTE, 1996). Nessa perspectiva, adotada também neste artigo, a chamada “segunda fase” não abandona o projeto crítico da primeira, mas o reformula: a afirmação da cultura popular mestiça passa a ser, ela própria, uma forma de resistência simbólica às hierarquias raciais e sociais brasileiras. Não se trata, portanto, de um recuo, mas de um deslocamento tático da denúncia.

3. O CONCEITO DE HUMANISMO TROPICAL: MESTIÇAGEM, CORPO E POVO

Emprega-se aqui a expressão “humanismo tropical” para designar o conjunto de procedimentos estéticos e ideológicos pelos quais Jorge Amado converte os sujeitos populares baianos — negros, mestiços, pescadores, prostitutas, capoeiristas, meninos abandonados — em protagonistas plenos de humanidade, dotados de desejo, inteligência e dignidade, em contraste com as representações estereotipadas ou subalternizantes que marcaram boa parte da literatura brasileira anterior. Trata-se, enfim, de um humanismo situado, geográfica e culturalmente marcado pelo trópico baiano, que rejeita tanto o exotismo pitoresco quanto o paternalismo social em favor de uma imersão afetiva e corporal na vida do povo.

O romance *Capitães da Areia* (1937), que narra a vida de um grupo de meninos de rua em Salvador, ilustra esse procedimento: ao emprestar interioridade psicológica e voz própria a personagens normalmente relegados à condição de mera estatística social, Amado antecipa, já nos anos 1930, o tratamento mais amplo que o “povo” receberá em toda a sua obra posterior. Estudos filológicos recentes, como o de Vicente de Paula da Silva Martins e Márton Tamás Gémes sobre os idioculturemas do romance, evidenciam como o léxico popular baiano é mobilizado por Amado não como curiosidade dialetal, mas como marca constitutiva da identidade e da fala das personagens (MARTINS; GÉMES, 2019).

A mestiçagem — racial, cultural e religiosa — constitui o núcleo simbólico desse humanismo. Em obras como *Gabriela, Cravo e Canela* e *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, o corpo mestiço, sensual e desejante das personagens femininas funciona como metáfora de uma nação que se reconhece, ambivalentemente, na mistura de raças e culturas. Ilana Seltzer Goldstein, em *O Brasil Best-Seller de Jorge Amado: Literatura e Identidade Nacional*, demonstra como a obra do escritor contribuiu decisivamente para consolidar, no imaginário nacional e internacional, uma imagem do Brasil como país mestiço e cordial, aproximando antropologia e crítica literária para discutir os limites e os alcances dessa representação identitária (GOLDSTEIN, 2003). A autora chama atenção, contudo, para o caráter problemático dessa mesma operação: a celebração da mestiçagem em Jorge Amado convive com a naturalização de hierarquias de gênero e de certos estereótipos raciais, o que torna seu humanismo tropical um objeto de leitura necessariamente crítica, e não de mera celebração apologética. Vemos, portanto, que a inclusão amadiana já nasce com fissuras — fissuras que a seção seguinte examina em outros dois marcadores da diferença.

4. OS LIMITES DO HUMANISMO TROPICAL: DEFICIÊNCIA E DISSIDÊNCIA SEXUAL

Se o humanismo tropical amadiano se afirma, como visto, por uma celebração inclusiva da mestiçagem racial, cultural e religiosa, a crítica mais recente, informada pelos Estudos da Deficiência e pela teoria queer, tem apontado os limites dessa inclusão quando ela se depara com outros marcadores

sociais da diferença. Pedro Lopes, antropólogo que integra o Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia, propõe a deficiência como categoria analítica a ser pensada, tal qual raça, gênero e sexualidade, nos trânsitos entre identidade e diagnóstico, entre um estado e um processo de “ser, estar e se tornar” (LOPES, 2019). Tomada nesses termos, a deficiência funciona como um marcador que permite testar até onde se estende, de fato, a hospitalidade humanista do romance amadiano.

O caso mais evidente é o do menino Sem-Pernas, em *Capitães da Areia*. Ao contrário de Pedro Bala — loiro, forte e conduzido pela narrativa ao estatuto de herói —, Sem-Pernas é descrito por sua deficiência física, e é por ela, sobretudo, que as famílias abastadas o acolhem: não como sujeito, mas como objeto de uma caridade que se revela, no romance, hipócrita e efêmera. Como observam Daniel Silva Campos e Jane Teresinha Domingues Cotrin em leitura do romance à luz da psicologia histórico-cultural de Vigotski, o personagem é “marginalizado e, por vezes, reduzido à sua deficiência”, num contraste que evidencia como o corpo deficiente, ao contrário do corpo mestiço, não é convertido pela narrativa em signo de vitalidade afirmativa, mas permanece associado à falta, ao rancor e à desconfiança (CAMPOS; COTRIN, 2021).

Movimento semelhante ocorre com a dissidência sexual. Em *Suor* (1934), os personagens Franz e Medonho — analisados por Xavier Antonio Jeferson Barreto — são os dois homossexuais mais desenvolvidos da ficção amadiana: Medonho, associado a uma masculinidade viril e discreta, escapa ao escárnio; Franz, lido como afeminado e comparado ao estereótipo do “xibungo”, é hostilizado pela vizinhança do cortiço. O romance reproduz, assim, a hierarquia heteronormativa que privilegia o homossexual viril em detrimento do afeminado, em vez de subvertê-la (BARRETO, 2013). Em estudo mais amplo sobre as personagens homossexuais em sete romances de Jorge Amado, Ana Luiza Rodríguez Antunes sustenta que a exclusão dessas personagens do discurso central se dá por desproblematização e excentricidade — no sentido conferido por Foucault e Derrida a esses termos — e defende que os próprios conceitos de hibridismo, alteridade e mestiçagem, tão generosamente mobilizados por Amado para pensar a diferença racial e cultural, poderiam, mas não chegam a, se estender à homossexualidade (ANTUNES, 2009).

Reconhecer esses limites não invalida, a nosso ver, a hipótese do humanismo tropical, mas a qualifica: trata-se de um humanismo distribuído de forma desigual entre os marcadores sociais da diferença, mais expansivo diante da mestiçagem racial, cultural e religiosa do que diante do corpo com deficiência e da sexualidade dissidente. A mesma obra que converteu prostitutas e vagabundos em sujeitos de dignidade plena reservou aos corpos deficientes e aos homossexuais efeminados um lugar de exceção — tolerado, quando muito, mas raramente humanizado nos mesmos termos. Essa desigualdade interna é, sustentamos,

parte constitutiva, e não acidental, da complexidade crítica que este artigo atribui ao humanismo tropical amadiano.

5. A BAHIA AMADIANA COMO ESPAÇO ANTROPOLÓGICO E HUMANO

Se o humanismo tropical amadiano tem na mestiçagem o seu conteúdo simbólico central, é na cidade de Salvador e no litoral do Recôncavo baiano que ele encontra, sem dúvida, seu espaço de enunciação privilegiado. A Bahia amadiana não é mero cenário, mas personagem coletiva: o cais dos estivadores em *Mar Morto* (1936), o Pelourinho de *Capitães da Areia*, a cidade alta e a cidade baixa de *Tenda dos Milagres* (1969) compõem uma cartografia afetiva em que geografia, história e etnografia popular se entrelaçam.

Essa dimensão quase etnográfica da ficção amadiana explica, enfim, o interesse recorrente de antropólogos e historiadores por sua obra, a exemplo dos estudos sobre a relação entre história e literatura na produção amadiana dos anos 1930, que discutem temas como a exploração do trabalhador rural, a degradação urbana e a violência do coronelismo latifundiário como matéria histórica objetivamente incorporada à narrativa (ESCRITAS DO TEMPO, 2021). Jorge Amado não apenas descreve a Bahia: ele contribui ativamente para construí-la, no imaginário nacional e internacional, como território de uma humanidade mestiça, sensorial e resiliente — o que, décadas mais tarde, seria também mobilizado, não sem ambivalência, pelas políticas de turismo cultural do Estado da Bahia em torno do patrimônio histórico do Pelourinho (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, [201-?]).

6. SINCRETISMO RELIGIOSO E ORALIDADE: MATRIZES DO HUMANISMO AMADIANO

Um dos traços mais persistentes da obra de Jorge Amado é, de fato, o tratamento do candomblé e do sincretismo religioso afro-brasileiro não como curiosidade folclórica, mas como sistema de sentido pleno, dotado de cosmologia, ética e estética próprias. Romances como *Mar Morto*, em que a deusa Iemanjá é figura tutelar dos pescadores e marítimos de Salvador, e *Tenda dos Milagres*, centrado na trajetória do mestiço Pedro Arcanjo e em sua defesa da miscigenação contra o racismo científico do início do século XX, situam a religiosidade popular no centro do projeto humanista do autor: se o candomblé e o catolicismo popular se combinam sem contradição na vida cotidiana baiana, é porque a própria noção amadiana de humanidade se define pela convivência de diferenças, e não pela sua eliminação.

A oralidade constitui, enfim, o correlato formal dessa cosmovisão: o narrador amadiano frequentemente assume o tom do contador de histórias popular, entremeando o registro culto ao vocabulário e à cadência da fala baiana. Tal escolha estilística, mais do que recurso pitoresco, reafirma o estatuto de

sujeitos de conhecimento e de discurso atribuído às personagens populares — um dos pilares do humanismo tropical aqui discutido.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura da obra de Jorge Amado sob a chave do “humanismo tropical” permite, enfim, superar a clivagem, muitas vezes rígida, entre uma fase social-denunciatória e uma fase lírico-sensual de sua ficção. O que se observa, ao longo de seis décadas de produção literária, é a permanência de um mesmo compromisso ético e estético com a dignidade dos sujeitos populares baianos, expresso primeiro pela denúncia da exploração no ciclo do cacau e, depois, pela celebração afirmativa da mestiçagem racial, do sincretismo religioso e da oralidade popular.

Esse humanismo, contudo, não deve ser lido de forma ingênua ou apologética. Como demonstram os estudos de Ilana Seltzer Goldstein e de Eduardo de Assis Duarte, a imagem de um Brasil mestiço e cordial projetada por Jorge Amado é também uma construção ideológica sujeita a tensões e contradições, notadamente no que se refere à representação do gênero feminino e à naturalização de certas hierarquias sociais sob o verniz da confraternização racial. Como argumentamos na seção anterior, essas tensões se estendem também aos corpos com deficiência e às sexualidades dissidentes, que a fortuna crítica recente — de Pedro Lopes a Ana Luiza Rodríguez Antunes — tem mostrado menos contemplados pela hospitalidade humanista de Amado do que a mestiçagem racial e cultural. Reconhecer a complexidade desse humanismo tropical — sua força inclusiva e seus limites históricos, desiguais entre os diferentes marcadores sociais da diferença — é, enfim, condição para uma leitura crítica e atualizada de uma das obras mais lidas e mais discutidas da literatura brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Cacau**. Rio de Janeiro: Record, 1933.
- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. Rio de Janeiro: Record, 1937.
- AMADO, Jorge. **Mar morto**. Rio de Janeiro: Record, 1936.
- AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Martins, 1942.
- AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus**. São Paulo: Martins, 1944.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. São Paulo: Martins, 1958.
- AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus dois maridos**. São Paulo: Martins, 1966.

AMADO, Jorge. **Tenda dos milagres**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

AMADO, Jorge. **Tieta do Agreste**. Rio de Janeiro: Record, 1977.

AMADO, Jorge. **Suor**. Rio de Janeiro: Record, 1934.

ANTUNES, Ana Luiza Rodríguez. **Homossexualidade: a mestiçagem que Jorge Amado não viu: um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado**. 2009. 323 f. Tese (Doutorado em Letras) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1918>. Acesso em: 22 jul. 2026.

BARRETO, Xavier Antonio Jeferson. **Os homens de Jorge Amado: a homossexualidade em Suor**. Convergencia Educativa, Talca, n. 2, p. 55-63, ene./jul. 2013. Disponível em: <https://revistace.ucm.cl/article/download/270/253/934>. Acesso em: 22 jul. 2026.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAMPOS, Daniel Silva; COTRIN, Jane Teresinha Domingues. Jorge Amado sob o olhar de L. S. **Vigotski num encontro entre Literatura e Psicologia**. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO (SEMIEDU), 29., 2021, Cuiabá: UFMT, 2021. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/semiedu/article/view/20216>. Acesso em: 22 jul. 2026.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record; Belo Horizonte: Crisálida, 1996.

ESCRITAS DO TEMPO. **História e literatura: Jorge Amado e seus escritos literários nos anos 30**. Escritas do Tempo, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1558>. Acesso em: 22 jul. 2026.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. **O Brasil best-seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional**. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

LOPES, Pedro. **Deficiência como categoria analítica: trânsitos entre ser, estar e se tornar**. Anuário Antropológico, Brasília, v. 44, n. 1, p. 67-91, jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aa.3487>. Acesso em: 22 jul. 2026.

MARTINS, Vicente de Paula da Silva; GÉMES, Márton Tamás. **Os idioculturemas em Capitães da Areia** (1937), de Jorge Amado. Linha D'Água, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 117-136, nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v32i3p117-136>. Acesso em: 22 jul. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. **Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais**. Dissertação (Mestrado em História) — Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, [201-?]. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1515.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2026.